
Apresentação

Ciência e democracia. Semiótica em e para novos tempos *

Ivã Carlos Lopesⁱ

Carolina Lindenberg Lemosⁱⁱ

Eliane Soares de Limaⁱⁱⁱ

Adriana Elisa Inácio^{iv}

Quatro anos passados na resistência. Em um ambiente que se ia fazendo mais e mais desfavorável às universidades, à ciência, às artes e à pesquisa, tivemos de redobrar nossa perseverança para seguir, durante o quadriênio, trabalhando pela difusão das pesquisas semióticas aqui geradas e pelo incremento do diálogo com os colegas de outras latitudes. A duras penas, e não obstante os erros ainda reiterados nas eleições dos governos estaduais e do Congresso, conseguimos em outubro de 2022 evitar, ao menos, a recondução desse período obscuro. Fato da maior importância e digno de ser celebrado. Com o novo governo federal, o Brasil volta enfim a investir na pesquisa, no ensino e na cultura. Sabemos, contudo, que os estragos, ao longo desses anos, foram imensos. Cabe a nós, agora, trabalhar dia e noite contribuindo para a reconstrução do país, hoje bastante corroído, mas que pode e deve voltar a andar para a frente. Desejamos fazer parte desse movimento, no que diz respeito a

* DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.210389>.

ⁱ Editor responsável. Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lopesic@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949>.

ⁱⁱ Editora responsável. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: carolina.lemos@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548>.

ⁱⁱⁱ Editora responsável. Docente do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, RJ, Brasil. E-mail: elianesl@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0198-4473>.

^{iv} Coordenadora de edição. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: adriana.inacio@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2510-7659>.

nosso domínio de atuação. Em 2023, uma bela temporada se anuncia na revista, tendo início com o presente número.

Poderíamos dizer, em síntese, que esta edição 19.1 da *Estudos Semióticos* compreende uma seção atemática seguida de uma seção matemática. Com efeito, o leitor encontrará aqui uma seção de miscelânea seguida de um dossiê especial em homenagem a René Thom. A primeira reúne doze contribuições que ora discorrem acerca dos tópicos das teorias semióticas – como, entre outros, os artigos sobre a problemática da veridicção ou os modos de existência da enunciação musical –, ora incursionam pela história das ideias e dos autores de destaque, a exemplo do estudo sobre a interpretação da obra de Mikhail Bakhtin por Julia Kristeva, ora focalizam a atenção em um objeto específico, que, no caso desta edição, pode provir do fotojornalismo, da literatura em verso e prosa, da canção e da música, da documentação jurídica, de dissertações de alunos ao final de uma etapa de escolaridade. O elenco se abre, lisonjeiramente para nós, com um ensaio de Lúri Lotman na última fase de sua produção intelectual, em que retoma a questão da descrição semiótica dos filmes cinematográficos (assunto de indagações suas desde muito tempo); é uma satisfação dar a público mais esse texto do grande semioticista da escola de Tártu-Moscou, traduzido diretamente do original russo por Márcia Chagas Kondratiuk e Ekaterina Vólkova Américo. Quanto ao dossiê incluído, "Centenário de René Thom (1923-2023): homenagem semiótica e morfodinâmica", trata-se de uma coletânea de sete estudos que compartilham o fecundo referencial do pensamento morfodinâmico, aqui repertoriados e apresentados pelos professores Isabel Marcos (Universidade de Lisboa) e Clément Morier (Université Jean Moulin Lyon 3), fundadores e coordenadores do seminário interdisciplinar "Actualité de René Thom" (Université Paris 7 Diderot). A largueza de visão que singularizava o matemático e filósofo René Thom (1923-2002), criador da Teoria das Catástrofes, o pouco caso que fazia ele das engessadas compartimentações de disciplinas, sua ousadia epistemológica repercutem nesse conjunto de artigos em que destacados pesquisadores do cenário internacional examinam tópicos transversais, da gramática frasal à dinâmica dos mitos, dos estilos de criação arquitetônica à noção de forma em geografia, das características do espaço urbano construído às da cognição humana. Com esse dossiê, a revista *Estudos Semióticos* participa, honrada, das celebrações do centenário de nascimento de René Thom, cujo pensamento tem inspirado férteis intuições na semiótica, nas humanidades em geral e, mais além, na reflexão transdisciplinar, todas as áreas confundidas.

Tendo assinalado esses poucos traços da variedade e riqueza das reflexões presentes nesta edição, faremos agora um breve panorama dos textos da seção inicial, deixando para I. Marcos e C. Morier a devida apresentação do dossiê por eles organizado.

No artigo “Sobre a natureza da narrativa cinematográfica”, Lúri Lotman (1922-1993) torna a discorrer sobre a linguagem do cinema, pela qual já se interessara em trabalhos anteriores, para evocar as similitudes entre certos procedimentos fílmicos, de uma parte, e os recursos gramaticais e retóricos de largo emprego em textos verbais, de outra, não sem advertir que os primeiros não se deixam assimilar senão parcialmente aos segundos. Quadros e planos cinematográficos, por exemplo, inscrevem-se, por seu encadeamento na montagem, dentro das unidades mais amplas do desenrolar de uma película, o que, segundo o semioticista russo, revela, em alguma medida, sua analogia com os relatos que construímos correntemente com o uso do sistema verbal. Cauteloso, Lotman não deixa de assinalar, ao mesmo tempo, as peculiaridades que nos impedem de reduzir, pura e simplesmente, uma linguagem a outra, ilustrando cada passo de sua explanação com uma pequena galeria de filmes de diversa procedência ao longo do século XX, uns menos, outros mais bem conhecidos do público. Eis aqui um ensaio representativo da última fase da reflexão duradoura que o fundador da escola semiótica de Tártu-Moscou dedicou às artes, e que nesta ocorrência vem representada pela compreensão da obra cinematográfica como *texto*, com os múltiplos desafios que semelhante visão carrega para a tarefa maior da constituição de uma semiótica da cultura.

Se o estudo de Lotman incluía, entre suas premissas, o reconhecimento de que o cinema, assim como, desde há mais tempo, a fotografia, costumam ser sentidos pelo senso comum como portadores de uma “veracidade documental”, o artigo seguinte, de autoria de Vinicius Lisboa Soares (UFF, Niterói) e Renata Mancini (USP, São Paulo), põe no centro da discussão a veridicção, ou seja, o dizer-verdadeiro, lembrando, de pronto, a clássica disposição das modalidades veridictórias segundo A. J. Greimas, que distribui em um célebre quadrado as posições do verdadeiro, do falso, do mentiroso e do secreto. Sem invalidar o modelo clássico do pensador lituano, Soares e Mancini avançam, por seu turno, uma proposta de complexificação de tal dispositivo mediante uma interpretação tensiva que prevê um maior número de valores veridictórios a serem co-localizados no gráfico. Remetendo aos trabalhos de Claude Zilberberg, os autores sugerem tirar proveito analítico da possibilidade de se tomarem em consideração *intervalos* mais extensos ou menos, conforme estejamos perante convergências ou divergências de maior ou menor intensidade entre os fúntivos do *ser* e do *parecer*. Assim se passa a poder calcular, nas trocas entre os sujeitos, aparências que “quase não parecem”, que “parecem muito” ou que, eventualmente, “parecem demais”... com as quais, ao preço de tornar-se menos simples, a teoria pode ganhar maior flexibilidade descritiva. Ao considerar, além disso, a intensidade das confluências ou contraposições das valências em jogo, a proposta de Soares e Mancini já se mostra relevante para indagações de plena atualidade, no contexto das transformações que a disseminação universal de *fake news*, teorias

conspiratórias, discursos de medo e ódio, etc. vêm instilando nos corações e mentes. Mas o alcance das suas ponderações é bem mais largo do que os discursos em voga no aqui e agora.

Igualmente amplas, apesar de pensadas em outro registro, são as perspectivas que encontramos no artigo do professor Eduardo Bittar (USP, São Paulo), em que se entrelaçam a semiótica plástica, a ciência política e a filosofia do direito, em meio a outros campos também aludidos. Seu objeto empírico reside no impacto de uma imagem fotográfica recente, a qual descontextualizada poderia passar por “apenas” uma boa captura jornalística do fotógrafo Noah Berger, mas que na verdade é testemunho do assassinato, que um policial perpetrrou por sufocação, do cidadão americano George Floyd – cujo último grito de sofrimento, “I can’t breathe”, está reproduzido no cartaz fotografado – durante os protestos *Black Lives Matter*, em Portland, Oregon, em julho de 2020. Da análise da foto em sua textualidade própria (plano da expressão e plano do conteúdo) abrem-se, no estudo do professor Bittar, campos mais abrangentes que a vão paulatinamente situando frente a questões da sociedade de hoje, como a violência feroz da polícia quando defrontada a certas categorias de manifestantes, como as transformações, na transição dos séculos XX e XXI, na própria ideia de “justiça social” e, em última instância, frente a problemas perenes da vida em sociedade, pondo em tela os problemas da regulação das relações polêmico-contratuais entre os seres humanos, aqui concretizadas na luta por direitos e dignidade dos cidadãos discriminados.

Mônica Barrêto Nóbrega de Lucena (USP, São Paulo) abre para o leitor, por sua vez, uma janela para partes do mundo do direito. Ao manipular com maestria conceitos-chave da semiótica, o artigo “Das cortes de justiça aos palcos midiáticos: estudo do gênero denúncia a partir da Operação Lava Jato” situa e dá sentido ao universo hermético do processo judicial para quem olha de fora. Hermetismo esse que vai justamente ser colocado em discussão no texto de Lucena. Da denúncia tomada como gênero para sua realização particular no *Triplex do Guarujá*, da Operação Lava-Jato, o texto-enunciado se insere não somente na prática jurídica, mas também na prática jornalística. Por meio da análise, Lucena nos revela a construção de uma *denúncia criminal noticiosa*. A abertura do discurso jurídico visando a opinião pública traz elementos que vêm a desvirtuar o ordenamento jurídico e buscar legitimação fora dos quadros pertinentes. O artigo assim informa ao mesmo passo que constrói uma fina crítica do uso político do processo jurídico.

Ao mobilizar reflexões sobre o tempo e o ritmo em dois pensadores da música, o artigo “Enunciação musical e seus modos de existência: Gisèle Brelet e Iannis Xenakis sob a ótica tensiva” confere novo fôlego à noção de práxis enunciativa. A incorporação das teorias de Xenakis e Brelet mobilizam em especial a temporalidade da enunciação, somando nuances à passagem entre os

modos de existência semióticos. Toda essa discussão empreendida por Gustavo Bonin (USP, São Paulo) colocará em perspectiva o que entendemos por texto musical. Mais do que decidir se partitura, se *performance* ou que outra prática em música, cada forma de existência musical será um cruzamento de modalizações existenciais, atribuindo-lhes lugares distintos, porém igualmente legítimos na economia musical. Tudo isso feito em torno de uma peça de Xenakis que muitos de nós vamos agora descobrir.

Alejandro Núñez-Alberca (Universidad de Lima, Peru) nos propõe um estudo sobre as estratégias de camuflagem do enunciador MF DOOM, rapper britânico. O artigo “Estrategias enunciativas en el discurso musical del hip hop: el caso de MF DOOM” se utiliza dos aspectos múltiplos e hierárquicos que envolvem a enunciação em discurso para descrever as sobreposições das vozes delegadas, seus apagamentos e manifestações em um dos álbuns de canções do rapper. O recurso à abordagem tensiva revela a saturação do campo pelas multiplicações de formas do eu como tática de ocultamento, com sabores de “A carta roubada”. Ao final, acrescenta a comparação com estratégias da prática de concertos, em que o enunciatário nunca está certo de se a pessoa por trás da máscara é o rapper ou uma outra delegada. Essas muitas reviravoltas enunciativas acabam por colocar em questão a própria fidúcia e desvelam toda a eficácia dessa estratégia de quebra, suspensão e valorização do sentido.

De temática extremamente atual em tempos de grave ameaça à democracia, o artigo “A construção discursiva da política de resistência em *Companheiras*, de Eneida de Moraes”, de autoria de Renata Guimarães Cabral Lima (UFPB, João Pessoa) e Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB, João Pessoa), expõe uma reflexão em torno da tríade *discurso, política e resistência*, a partir da qual se empreenderá uma análise da crônica *Companheiras*, da escritora paraense Eneida de Moraes. Publicada originalmente em 1957, a crônica remonta à segunda metade da década de 1930 e ao cotidiano carcerário de 25 presas políticas, entre as quais a própria autora, ao longo do governo Getúlio Vargas e, mais especificamente, do Estado Novo, “com seus crimes, perseguições, assassinatos, desaparecimentos, torturas” (MORAES, 1989 [1957], p. 131)¹. O artigo se divide em duas partes. A primeira delas se volta para as noções de *política e resistência*, definidas, respectivamente, como conjunto amplo de relações de poder e como prática de enfrentamento integrada a uma *forma de vida*. A segunda parte se dedica à análise propriamente dita, desenvolvida com base nos pressupostos teóricos da Semiótica Francesa e de certos desdobramentos tensivos, agora circunscritos pelas noções acima salientadas – trata-se, afinal, de um *discurso político de resistência*. Destaca-se, no bojo dessa análise, a formação em discurso de um sujeito político coletivo quase

¹ Cf. MORAES, Eneida de. *Aruanda: banho de cheiro*. Belém: SECULT: FCPTN, 1989 [1957].

completamente imobilizado pelas circunstâncias, mas, ainda assim, capaz de enfrentamento e persistência.

Remontando ao mesmo tema – a experiência do encarceramento – e à mesma ancoragem histórica – o Brasil da Era Vargas –, o artigo de Gustavo Maciel de Oliveira (USP, São Paulo), “Corpo, veridicção e testemunho em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos”, apresenta uma interessante ponderação a respeito da construção do dizer verdadeiro em um texto autobiográfico de forte caráter estético-literário. Oliveira procura desenvolver, no decorrer do artigo, a noção de “verdade subjetiva” como simulacro de uma experiência efetivamente vivida pelo enunciador, colocando, assim, em evidência o fazer persuasivo de uma instância que afirma ter sentido historicamente na pele o acontecimento enunciado. Marcada, desse modo, pela ideia de um *corpo* submetido ao sofrimento, a noção de veridicção em *Memórias do cárcere* acaba por aproximar representação histórica e indeterminação subjetiva – documentalidade factual dos eventos passados e hesitações e incertezas de um narrador definitivamente afetado pelo narrado. A partir da oscilação sensível-inteligível assim estabelecida, o dizer-verdadeiro em *Memórias do cárcere* se caracteriza, segundo Oliveira, por uma espécie de neutralização entre regimes subjetivos e objetivos de veridicção, em favor de uma discursivização sensível, intrinsecamente ligada à experiência.

A título de homenagem pelo centenário da Semana de Arte Moderna, celebrado em 2022, Vinícius Façanha (UFC, Fortaleza) propõe, em “O soneto secreto em *Pauliceia Desvairada*”, uma análise de “Inspiração”, poema de abertura do célebre livro de Mário de Andrade destacado no título do artigo. Partindo de uma visada mereológica da significação – que assinala as relações entre as partes do texto, de um lado, e entre as partes e o todo, de outro –, o estudo de Façanha procura salientar a existência de um soneto secreto (que não parece, mas é), “escondido” nos versos livres do poema “Inspiração”. O autor amplia, para tanto, o escopo do texto, levando em consideração, em seu trabalho analítico, as indicações paratextuais apresentadas no “Prefácio Interessantíssimo” do livro. Concebida como *poética*, ou seja, como conjunto geral de regras de composição, a mistura de tradição e inovação, de conformidade e “desvairismo”, veiculada no prefácio em questão – com especial destaque para a distinção (e possibilidade de coexistência) entre versos melódicos e harmônicos –, baliza e atravessa toda a análise de Façanha, conduzindo-nos, finalmente, à revelação do segredo: a simultaneidade, no poema, das formas clássica e moderna.

O artigo “A visualidade em ‘Rimbaud’ de Chacal: uma análise semiótica”, de Amanda Nakata Mirage (USP, São Paulo), explora a proposta teórica e metodológica de Juliana Pondian para o exame do plano de expressão gráfico-visual da língua na poesia, procurando situar a reflexão sobre o poema escolhido na sua relação com alguns paradigmas colocados a partir das vanguardas

modernas do final do século XIX e princípios do XX. A investigação da autora apresenta, de início, as principais características da abordagem analítico-descritiva de Pondian para, a partir daí, privilegiar as explorações feitas por Chacal em “Rimbaud” no que diz respeito tanto às operações (adição, subtração, substituição e permutação) realizadas no poema, com base nas figuras retóricas, quanto à identificação das unidades operatórias da escrita em que elas atuam (traço distintivo, morfologia, sintaxe ou elementos plásticos). Sua preocupação é destacar os principais efeitos de sentido gerados, assim como os recursos discursivos e textuais a eles subjacentes, de modo que, para análise do plano de conteúdo, são os níveis do percurso gerativo do sentido os seus parâmetros, enquanto para o plano da expressão, as categorias da sintaxe visual, os grafotaxemas (unidades gráficas, de tipos distintos, da dimensão visual com função sintática na cadeia sintagmática da escrita, orientando, de modo próprio, a disposição dos elementos gráficos na página).

No estudo de Pampa Olga Arán (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina), “Julia Kristeva, leitora audaciosa de Bakhtin”, traduzido pelo pesquisador Nathan Bastos de Souza (UFCAT, Catalão), é o resgate crítico de Kristeva da obra de Bakhtin, como texto fundador de um projeto semiótico e de um novo objeto de estudo para a literatura, o tema principal da discussão. Duas publicações da estudiosa búlgaro-francesa são tomadas como base para a argumentação de Arán: o prólogo “Une poétique ruinée” [Uma poética malograda], publicado em *La poétique de Dostoïevski* [A poética de Dostoiévski] (1970), em que critica o formalismo russo e, por extensão, as formas radicalizadas do estruturalismo literário de seu tempo; e o ensaio “Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman” [Bakhtin, a palavra, o diálogo e o romance], publicado em abril de 1967 na revista *Critique*, no qual Kristeva matiza, modifica e tensiona os conceitos bakhtinianos a partir de sua leitura, nas edições russas de 1963 e 1965, de dois livros-chave do autor: *Problemas da poética de Dostoiévski* e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

Por fim, tomando também como referencial teórico de base Bakhtin, o último artigo da seção, “Representações da mulher em dissertações argumentativas de concluintes da educação básica: a orquestração de vozes na construção do posicionamento axiológico”, é de Aline Milena Borges da Silva Dias (UFPE, Recife). O interessante debate colocado em pauta baseia-se na análise de duas redações escolhidas pelo critério de Amostragem Aleatória Simples (AAS), de um total de 69 dissertações argumentativas de alunos do último ano do Ensino Médio, de uma escola pública da cidade de Recife (PE). Os textos produzidos foram resultado de uma proposta de produção textual que tinha como tema “A figura da mulher na sociedade brasileira contemporânea”, acompanhado de quatro textos motivadores. Compreender, a partir do projeto

argumentativo das redações selecionadas, a orquestração de vozes sociais para a definição de um posicionamento axiológico em relação à mulher, é o objetivo do estudo e, para isso, a articulista procura depreender os meios discursivos a que se recorre. A discussão se dá, nesse sentido, em torno das condições discursivas de construção do posicionamento necessário a um texto argumentativo, tomando por base noções como dialogismo, intersubjetividade, discurso bivocal. Com isso, Dias identifica e comenta, ao longo de sua análise, as diferentes formas de incorporação do discurso alheio, da relação de sobredeterminação da voz do outro na voz do eu que então defende sua própria perspectiva.

Por maiores que tenham sido as dificuldades atravessadas por nós e pelos colegas durante o recente quadriênio no Brasil, o elenco de artigos desta edição revela que a pesquisa seguiu em frente sem cessar. Uma consulta sistemática aos sumários anteriores demonstraria, de resto, que, durante o longo inverno amargado, sem fazer concessões quanto à qualidade do material exposto, seguimos publicando os resultados das investigações, quer de jovens autores, quer de nomes consagrados da área, no país e no exterior; também se constataria a movimentação do periódico rumo a uma variedade maior de diálogos entre pesquisadores vindos de múltiplos horizontes geográficos, teóricos e epistemológicos – movimentação de que dá mostras, exemplarmente, o repertório de textos do presente número. Grande é nosso prazer ao notar que, apesar de tudo, a pesquisa na área foi mantida pelos semioticistas e pelos parceiros dos territórios afins. Levemos adiante esses trabalhos, agora que podemos, enfim, alimentar a esperança de dias melhores. ●

Science and democracy. Semiotics in and for new times

 LOPES, Ivã Carlos

 LEMOS, Carolina Lindenberg

 LIMA, Eliane Soares de

 INÁCIO, Adriana Elisa

Como citar este artigo

LOPES, Ivã Carlos; LEMOS, Carolina Lindenberg; LIMA, Eliane Soares de; INÁCIO, Adriana Elisa. Ciência e democracia. Semiótica em e para novos tempos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 1. São Paulo, abril de 2023. p. i-viii. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

LOPES, Ivã Carlos; LEMOS, Carolina Lindenberg; LIMA, Eliane Soares de; INÁCIO, Adriana Elisa. Ciência e democracia. Semiótica em e para novos tempos. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 1. São Paulo, April 2023. p. i-viii. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

